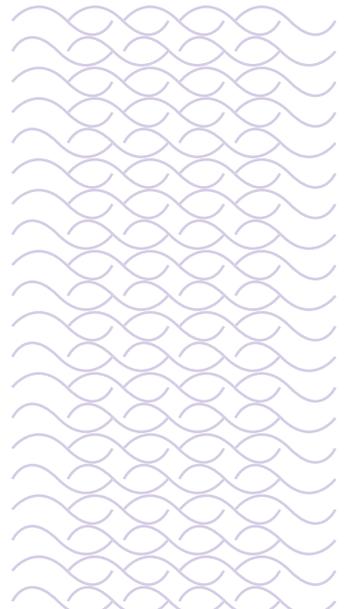
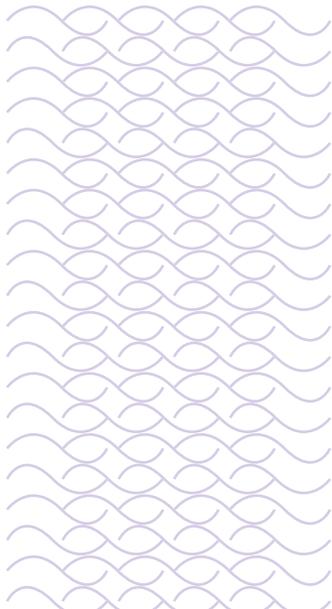


ENTREVISTA



Diálogo sobre a Nova Teoria da Comunicação

Dialogue on the New Theory of Communication

Diálogo sobre la Nueva Teoría de la Comunicación

Entrevista com Ciro Marcondes Filho

Realizada por Mônica de Fátima Rodrigues Nunes Vieira

ECA-USP

<mrnunes@usp.br>

Ciro Marcondes Filho conta um pouco sobre sua trajetória acadêmica e dialoga sobre a criação da Nova Teoria da Comunicação. Em sua entrevista, aborda também a importância da Filosofia em seus estudos.

Mônica Rodrigues Nunes: O senhor tem uma trajetória de sucesso, com estudos que permitiram a publicação de mais de 50 livros. Como foi a decisão de tornar-se professor e pesquisador?

Ciro Marcondes Filho: O ensino não foi minha escolha inicial. Oscilava entre arquitetura, pela minha inclinação ao desenho, e jornalismo, como efeito empolgante de minha atividade colegial, ao assumir o controle do jornal mural do colégio. Imaginava romanticamente uma profissão que me desse passaporte para o mundo inteiro, conhecendo a tudo e a todos, vivenciando em primeira mão as notícias que todos iriam saber só mais tarde. Mas era preciso trabalhar, ganhar dinheiro. Minha família era de classe média baixa, vivíamos com o salário de nosso pai, espécie de subgerente de papelaria. Aos 15 anos, já trabalhava como office-boy num escritório de advocacia na rua Boa Vista, em São Paulo. Depois, tentei ser bancário no Banco do Povo, na rua 15 de Novembro, balconista em papelaria, até que encontrei renda mais regular e constante dando aulas em cursos supletivos. Começou no Bom Retiro, depois a coisa continuou em um curso maior, com filiais na Vila Maria e Pari. Lá fiquei até ser coproprietário de um curso na Vila Sabrina, na zona norte de São Paulo. Era 1973, recém-formado na ECA e na FFLCH-USP, aceitei uma oferta de aulas de pesquisa do professor Walter Sampaio, na Faculdade de Comunicação de Santos, naquela época, na rua 7 de Setembro. Nesse meio tempo, arregimentei outras aulas em outras faculdades: Alcântara Machado, no Jabaquara, e Anhembi, na Vila Nova Conceição. Paralelamente, fazia meu mestrado cruzando a obra literária de Lima Barreto com as propostas de uma estética sociológica. Defendi o mestrado convidando aqueles que, para mim, eram os mestres mais competentes e que mais me impressionaram: Luiz Pereira e Alfredo Bosi. Assim iniciei a vida docente, meio a contragosto inicialmente, pois ainda queria ser jornalista. Antes de minha partida para o doutorado na Alemanha, já era professor assistente, MS1, na ECA, o

que me garantiria um emprego no meu retorno, 5 anos depois.

Mônica Rodrigues Nunes: Quais foram as principais correntes de pensamento adotadas para as análises comunicacionais ao longo desse período?

Ciro Marcondes Filho: Quando entrei na ECA, em 1968, tinha grande curiosidade em entender a Comunicação. Havia uma professora na época, chamada Nelly de Camargo, que ministrava essa disciplina, mas sua orientação era pelo pragmatismo americano e seu autor predileto, um ilustre desconhecido chamado Hayakawa. Aquilo me frustrou sobremaneira. Estava numa escola de Comunicação e não me ensinavam Comunicação. Tinha sido certamente influenciado negativamente pela Faculdade de Filosofia da USP, que cursei a partir de 1969, porque lá, de fato, se fazia ciência, reflexão, pesquisa. A FFLCH me pôs nos trilhos. Lá entendi radicalmente o que é espírito universitário, o que é seriedade de pesquisa e tratamento de autores, o que é, em suma, um ensino acadêmico de qualidade, que não deixaria nada a dever às universidades europeias. Lá senti que universidade é coisa séria. E foi lá que iniciei minhas andanças teóricas. O curso era bom, mas a convivência com colegas da época somava muito a isso, estimulava a leitura e a discussão. Nesse tempo, devorávamos os livros como famintos em busca de saídas para o país. Vivíamos a ditadura militar. Eu frequentava o Crusp e as grandes assembleias estudantis. Não apenas participávamos, criávamos grupos de estudos para discutir obras políticas, ideológicas, culturais. O debate estava na veia de todos. Era o ar que respirávamos. Por conta própria, iniciei-me nos

textos filosóficos. Tinha curiosidade em ler aqueles autores malditos que desafiavam nossa cultura ocidental, uma verdadeira simpatia pelos *outsiders*, um acolhimento aos que não tinham espaço na cena intelectual. A época estava impregnada de estudos marxistas, debatia-se o *Livre Le Capital*, de Althusser com entusiasmo e fervor. Eu tinha particular simpatia por Lucien Goldmann, seu estilo brando, mas contundente, seu hegelianismo humanizado da *Dialética e cultura*. Mas também Karel Kosik e sua *Dialética do concreto*, Nietzsche, a escrita audaciosa de Marx, o debate entre materialismo histórico e dialético, temas radicais daquele tempo.

A estada na Alemanha me reposicionou diante de temas e autores. A orientação que me deu Dieter Prokop, em verdade, não foi aproveitada como era devida. Discutia-se na universidade alemã em 1976 a obra *Esfera pública e experiência*, de Oskar Negt e Alexander Kluge, cuja extensão, na época, não pude compreender devidamente. Mas me atraía muito a leitura de livros que comentavam a experiência nazista. Era como participar de um cenário que tivesse vivido na própria pele. E não foi fácil não me contagiar por aqueles debates. Assistia a filmes, via debates, lia relatos, tudo isso construiu em mim uma vivência tal como se tivesse estado lá, nos anos de chumbo. Mas a Alemanha desse tempo estava vivendo outros anos de chumbo. Havia a Fração do Exército Vermelho, um grupo de estudantes de esquerda radical que resolveu afrontar o regime capitalista alemão de pós-guerra. A perseguição, prisão e condenação dos jovens tomou a vida universitária alemã do período e deixou todos atônitos. Especialmente o comportamento da população,

Resolvi continuar minhas pesquisas sobre as formas contra-hegemônicas de comunicação tanto na Alemanha nazista quanto em situações de pós-guerra no Chile pós-golpe e nos Estados europeus que começavam a vivenciar a abertura democrática dos meios de comunicação às iniciativas populares.

absolutamente adésista ao regime. Conheci uma Alemanha dividida, ocupada por instalações americanas de guerra e um povo assustado ante a iminência de uma invasão soviética.

Resolvi continuar minhas pesquisas sobre as formas contra-hegemônicas de comunicação tanto na Alemanha nazista quanto em situações de pós-guerra no Chile pós-golpe e nos Estados europeus que começavam a vivenciar a abertura democrática dos meios de comunicação às iniciativas populares. E o dilema me perseguia: sabia que lendo tudo que me aparecesse do assunto, eu iria encontrar um norte a ser seguido e que me conduziria a explicações mais decisivas sobre as relações entre comunicação e política, ou, mais exatamente, por que as sociedades elegem tiranos que depois irão trucidá-las. Por que as forças democráticas não conseguem convencer com a mesma facilidade grandes contingentes da população? O que há de errado com a comunicação? Nenhuma das explicações circulantes me era satisfatória, seria uma busca ampla, uma verdadeira varredura para se encontrar algum ponto firme na teoria.

No retorno ao Brasil, década de 1980, continuei esse caminho errante por diversas tendências, explorando a teoria das ideologias, a violência política, a psicanáli-

se como possíveis respostas a uma questão que permanecia no ar. Tratava-se de uma busca mais ou menos aleatória por conhecimentos que fizessem despontar uma luz para questões tão decisivas para grandes contingentes de pessoas.

No final da década de 1980, toda a área de ciências humanas sofreu com o triplice abalo que foram a dissolução da União Soviética e a subsequente crise dos posicionamentos da esquerda, o ingresso em cena da internet e as profundas transformações que as sociedades vivenciaríamos com esse fato e o advento da chamada “pós-modernidade”, que punha em xeque conceitos e noções consolidados no campo da cultura, das artes e da Comunicação. Umberto Eco dizia que as teorias da Comunicação estavam em ruínas, que deveríamos começar do zero. O Ano Zero da Comunicação.

Toda essa pré-história serviu de pano de fundo para uma audácia teórica que foi a realização de vinte anos de cursos, debates, publicações na direção da proposição de uma Nova Teoria da Comunicação, não somente adaptada aos novos tempos de crise de paradigmas mas também a uma condição agora necessária às ciências humanas: sua agilidade para se transformar e jamais se consolidar como saber instituído. Um saber do e no movimento.

O estilo continuaria o mesmo: uma varredura nas noções e saberes assentados, basicamente na Filosofia, para que se erguesse, para esses novos tempos, isso que se chama de “saber comunicacional”.

Difícil falar em correntes de pensamento. O ponto de partida, necessariamente, seria o de dar voz aos esquecidos, fazer justiça aos injustiçados, tomar sempre o partido dos que foram oprimidos por uma fé religiosa, uma violência militar, um poder econômico ou moral da sociedade. Mas isso, numa certa altura, me pareceu parcial, talvez, mesmo, injusto. Na abertura do *Memorial* de meu concurso de titular, cito uma expressão de Gramsci, uma certa frustração de ele só ter pensado, sempre, nos grandes contingentes e pouco nos humanos individualmente. Perguntava-se ele: é possível ligar-se a uma massa quando não se quis bem a ninguém? Se era possível amar a uma coletividade se não se amou profundamente uma simples pessoa humana? Para ele, a qualidade de revolucionário talvez por isso estivesse estéril e reduzida a um puro fato intelectual e matemático.

Essa frase, por simples que fosse, causou um abalo também em mim. Não há proposição social, por mais justa que seja, se não considerar individualmente o outro, essa pessoa singular e única que está diante de nós. Por isso, as “correntes de pensamento” que procuravam dissertar sobre a floresta ignorando cada árvore singular, como o estruturalismo, a semiótica, a ciência política, eram vistas com desconfiança. Mesmo na área de Comunicação daquele tempo falava-se que Comunicação era somente “comunicação social”, o resto era Psicologia. Só que não! Esse talvez tenha sido o próprio erro das ciências sociais, o de

fazer diagnósticos sobre sociedades inteiras – como a Sociologia, a Ciência Política, de certa forma, a Antropologia, a Psicologia social – ignorando a vida do pequeno homem, os dilemas individuais, as dores invisíveis.

De certa maneira, fiz leituras que buscavam uma colheita propiciatória, isto é, peneirar do discurso teórico e intelectual aquilo que ia na direção de uma ideia, ideia que estava por trás de tudo, uma ideia luminosa que eu estava certo que existia, mas que não tinha visto descrita e retratada em nenhum lugar. Essa “estrela-guia” orientou a busca de autores, teorias e correntes dos mais variados estilos, mas que, numa certa altura, se combinavam, constituindo uma orquestração final e dirigida exatamente àquela ideia.

Poucos não foram os que advogaram que antes de qualquer teoria, de qualquer explicação científica, de qualquer *insight* da ciência há uma relação afetiva com os fatos. Isso quer dizer que primeiro sentimentos, a coisa nos fala à mente por uma certa intuição sensível, e depois, nas correntes, nas concepções, nas escolas de pensamento podemos encontrar amparo a essas noções, mas, de fato, ela nasce antes.

Mônica Rodrigues Nunes: Gostaria que o senhor comentasse a importância da Filosofia e dos filósofos para o desenvolvimento de seus estudos.

Ciro Marcondes Filho: Desde jovem senti muita atração pela Filosofia. No curso de Ciências Sociais, ao ouvir professores citarem fulano e sicrano, constatava que isso mais me deixava perplexo do que ajudava. Cheguei à compreensão de que não há fulano nem sicrano, eles, em verdade, falam

Não há proposição social, por mais justa que seja, se não considerar individualmente o outro, essa pessoa singular e única que está diante de nós.

a partir de certos espaços teóricos e episódicos que dão coerência a seu discurso. Constatei, então, que para melhor conhecer autores, abordagens, escolha de temas e de angulações eu teria que ir à fonte, a saber, o mundo de ideias que davam suporte a esses pensadores e seus argumentos. Jamais poderia entender qualquer pessoa se não a subsumisse a seu espectro teórico de referência.

Daí por que me ficou claro, de um relance, que precisaria estudar Filosofia, pois ela é a fonte de tudo: de nossas ideias, nossos valores, nossos comportamentos, nossa sensação de prazer e dor. Mas a Filosofia não é algo uno. A Grécia Clássica se preocupava com o cidadão, a democracia, os valores do bem e do mal, mas, logo depois, na crise do Estado grego, na helênica, o tema já era outro, era a questão metafísica do mal-estar na cultura, dos dilemas, da angústia. O cristianismo viraria totalmente a perspectiva, debatendo-se sobre as provas da existência de Deus, da interpretação das verdades da Bíblia, dos saberes que consolidavam a vida ascética e espiritual. E a história do Ocidente reviria novamente com o racionalismo e suas derivações para o positivismo, a crítica transcendental, a dialética hegeliana.

Tudo isso sugere que não há “a” Filosofia, mas reflexões filosóficas que se perguntam sobre o pensamento e a postura em diversos momentos. Pascal se coloca ques-

tões existenciais que são as nossas, Kierkegaard antecipou a angústia heideggeriana, que, por sua vez, nos chacoalhou diante da submissão à técnica, que nos retiraria definitivamente nosso solo e nos tornaria seres “à disposição” dela.

O que vale na Filosofia, a meu ver, é o exercício do pensamento. Do pensamento crítico, daquele que não se contenta com explicações sumárias, com argumentos retóricos, com falas infundadas. A Filosofia é um apoio para se viver. E, de certa maneira, nos traz esse respaldo que a realidade exige para que continuemos a viver e a apostar no futuro. É mais um instrumento, uma ferramenta do que ensinamentos imutáveis e prontos.

Na faculdade de Filosofia da USP comecei, então, a estudar de forma independente textos de Filosofia. Através deles, conseguia desvendar o esquema teórico que alicerçava o pensamento dos autores e sua lógica. E, como uma centelha que atravessa o pensamento, me veio à mente que Comunicação era um assunto que cabia mais à Filosofia do que a qualquer outro ramo do conhecimento. Não que os filósofos tenham se debruçado sobre isso desde sua origem; na verdade, jamais se debruçaram. Comunicação para eles era essa coisa elementar de pessoas se falarem, conversarem, dialogarem. Mas isso não é Comunicação. Se o Ocidente inventou uma área acadêmica chamada “Comunicação” é porque algo de

muito novo – e intrigante – estaria acontecendo a partir do século XX.

E, de fato, o mundo ficou de ponta-cabeça depois que foram criados os aparelhos de registro e reprodução do humano (câmera fotográfica, fonógrafo, cinematógrafo), pois eles passaram a questionar a imortalidade, criaram um novo mundo, um mundo paralelo, das imagens, fantasias e sonhos projetados, e, com isso, colocaram as tecnologias no primeiro plano. Ora, era preciso então criar um saber acadêmico, científico, para dar conta disso. E não havia. O que sempre houve foram comentários, críticas, dissertações sobre a influência dos jornais impressos, das revistas, do cinema, do rádio, da publicidade na cultura. Os saberes oficiais não sabiam o que fazer com a comunicação. Passou muito tempo até se começar a constatar que comunicação é um fenômeno à parte, que merecia ser estudado com exclusividade num campo de conhecimento próprio.

O percurso da Nova Teoria foi o de uma revisão geral da história da Filosofia onde ela tangenciasse o fenômeno da comunicação (não dos estudos de linguagem, que datam desde a Antiguidade). As respostas foram parcas. Uma postura estoica aqui, uma teoria de afetos e percepções ali, um olhar fenomenológico acolá, o que evidenciou que comunicação não era tema ou preocupação no passado e só agora, na emergência das tecnologias e das mudanças sociais, tornou-se o tema principal da contemporaneidade. E, se quisesse ter um olhar não “da perspectiva de Deus”, mas do homem e de seu relacionamento com o outro, apenas a Filosofia me daria esse instrumental, especialmente a Filosofia contemporânea, que vê com olhos críticos os dilemas exis-

tenciais das pessoas comuns, com sua solidão, sua angústia, seu desespero diante de um mundo que as ignora.

Mônica Rodrigues Nunes: Na sua opinião, quando foi que o campo da Comunicação se legitimou como uma área científica? Quais são as ciências e disciplinas que mais contribuíram para o estabelecimento dos processos comunicacionais como um campo científico?

Ciro Marcondes Filho: Acho que a Comunicação ainda luta por se legitimar como disciplina científica. Até há pouco tempo, ela era tida como “ciência aplicada”, quer dizer, braço prático de outros saberes mais consolidados, como a Sociologia, a Ciência Política, a Psicologia Social. Era mantida na minoridade, criança que ainda não sabe das coisas, levada na mão por saberes mais antigos, não necessariamente mais capazes de dar respostas às questões levantadas pela sociedade.

O novo quadro político que se esboça no país pretende suprimi-la simplesmente do quadro de disciplinas “sérias”, substituindo-a por “ciências sociais, informação e jornalismo”, fruto de visões canhestras sobre o processo social da comunicação.

Mas não faltam bases para que a Comunicação seja, de fato, respeitada como campo específico e sério da pesquisa universitária e acadêmica em geral. Costuma-se dividir o espectro das comunicabilidades em três setores básicos: o que estuda aqueles que emitem sinais comunicativos, as redes de TV, os grandes jornais, as agências de publicidade, os órgãos públicos, os três poderes, os influenciadores na internet, os blogues, portais e sites de empresas e indivíduos, mensurando tamanho, expres-

Os saberes oficiais não sabiam o que fazer com a comunicação. Passou muito tempo até se começar a constatar que comunicação é um fenômeno à parte, que merecia ser estudado com exclusividade num campo de conhecimento próprio.

são, tipo de produto veiculado, audiência, retorno, etc. Outro setor estuda o próprio objeto, seja ele um filme, um programa de TV, um livro, uma palestra, uma instalação, uma exposição de arte, procurando identificar sua estrutura interna, seus componentes, fazendo uma radiografia de sua estrutura, os elementos que eventualmente atraem, cativam, hipnotizam o receptor. Por fim, o último setor ocupa-se com o outro extremo da cadeia, com aquele(s) que recebe(m). Este setor pode ser trabalhado como estudos de recepção, que mantêm ainda um componente no campo das ciências sociais, isto é, das pesquisas em escala, procurando extrair volumes estatísticos, gráficos, padrões de recepção. Mas pode também ser tratado do ponto de vista da própria comunicabilidade. Na minha opinião, somente este último é um estudo de comunicação *stricto sensu*.

Considerando essa postura, acredito que passaram a constituir apoios epistêmicos a uma ciência da Comunicação áreas como os *estudos de percepção*, de forma difusa, como os que fizeram Bergson, Merleau-Ponty, Lyotard, Deleuze-Guattari; *estudos de semiologia crítica*, como o fizeram Barthes, Baudrillard; *estudos de epistemologia*, como os de Bachelard; *estudos filosóficos* que destacam a relação eu-outro, ou seja, que dispõem a alteridade como componente indescartável da comunicabilidade; es-

tudos em que *elementos não presentes* sejam considerados, como nas obras de Serres; *estudos antropológicos do “sensível”* para que estes sejam valorizados tanto ou mais do que os componentes ostensivos, estridentes; estudos de *comunicação acoplada aos processos psíquicos*, como o fizeram Freud, Lacan, Lorenzer, Habermas, Bateson; *estudos literários* em que a ficção recria situações e cenas, como na Filosofia, servem de paradigmas para melhor compreender o fenômeno comunicacional.

Mônica Rodrigues Nunes: Nos últimos anos, o senhor tem se dedicado ao Projeto “Nova Teoria da Comunicação”, que propõe um novo olhar sobre a Comunicação e suas pesquisas, concentrando, especificamente, no processo de comunicação. Como e qual foi o percurso para se chegar à Nova Teoria?

Ciro Marcondes Filho: Na década de 1990, o NTC – Centro de Estudos e Pesquisa sobre Comunicação, Cultura e Novas Tecnologias, criado por nós na ECA, no início da década, deu origem a uma série de atividades de debates sobre os temas da época: tecnologias, sociabilidades, paradigmas, tempos de internet etc. Foram feitos quase 40 encontros de debates, em que se convidaram pesquisadores importantes da área para debater com o grupo. Lá se discutia de tudo, de todos os temas que nos pareciam

atuais e que justificavam um debate. Participaram desse núcleo Eugênio Trevinho, Mayra Rodrigues Gomes, Rose Rocha, Liv Sovik, Beltrina Côrte, Solange Wajman, Vani Kenski e outros eventuais colaboradores. Não raro havia convidados, pessoas renomadas e alguns especialistas que participaram desse processo. O NTC realizava reuniões científicas, seminários, possuía uma editora, acolhia estudantes bolsistas e tinha sub-sedes em outros estados brasileiros. Estava se tornando, de fato, uma “máquina” de produção acadêmica, que, aos poucos, começou a nos preocupar. A obra coletiva mais importante desse período foi o livro *Pensar-Pulsar*, produção coletiva do núcleo, lançada em 1996.

Após meu estágio pós-doutoral na França, estava convicto de que meus propósitos não eram discutir as novas tecnologias, a sociedade pós-moderna ou qualquer outro modismo acadêmico que exigisse de nós um debate ou uma publicação *up to date*. Sentia que estávamos nos afastando demais das discussões teóricas de fundo e pretendia retomar essa questão que era, efetivamente, o que me atraía mais.

De retorno ao Brasil em 2000, resolvi dissolver o NTC e criar o FiloCom com aqueles que estavam interessados em trilhar esse novo caminho. A “varredura teórica” começava com a *Gramatologia*, de Derrida, e com o exame de *Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari. A seguir, retornei aos artigos, confrontando-os com Derrida e Heidegger. Daí para frente, nos primeiros anos da década foram sucessivos cursos de pós-graduação percorrendo os estudos de percepção (Bergson, Merleau-Ponty, Lyotard), revisitando a Escola de Frankfurt e aqueles que eu denominei “A nova crítica

alemã”, composta pelos neo-heideggerianos Anders, Kamper, Kittler e Flusser.

A grande virada na teoria da Comunicação, contudo, aconteceu quando me voltei aos pesquisadores em torno das Conferências de Macy, realizadas nos Estados Unidos entre 1943 e 1953, cujo objetivo era desenvolver a cibernética e a inteligência artificial. Havia biólogos, neurocientistas, antropólogos, psicanalistas, linguistas, matemáticos e torno de Warren McCulloch que, a maioria refugiada da Europa nazista, trabalharam em solo americano para pesquisar o funcionamento da mente humana e, por derivação, a comunicabilidade. Essa “escola” questionava a comunicação dizendo que ela era ou improvável (Luhmann) ou impossível (Von Foerster, Maturana). Ou então, que ela era “um jogo” em que deveríamos saber como operam as malícias e os desvios para então poder saber um pouco mais como funciona a comunicabilidade humana (Bateson).

Estavam aí lançadas as bases para se revolucionarem totalmente as teorias da Comunicação. Revisitando o cenário europeu dos “esquecidos”, procurei por lá aqueles que tinham lançado as bases para a comunicabilidade, especialmente mediante os contatos presenciais. Nesse campo, Buber, Levinas e Bataille foram fundamentais para se constituir uma “nova” teoria da Comunicação.

Mas, claro, não bastava me debruçar nas questões que envolviam a pergunta ontológica “o que é, afinal de contas, comunicar?”. De certa maneira, a resposta foi se constituindo por si mesma após trabalhar com todos esses autores. Considerando que a comunicação é um acontecimento raro, que tem a capacidade de alterar posturas,

A grande virada na Teoria da Comunicação, contudo, aconteceu quando me voltei aos pesquisadores em torno das Conferências de Macy, realizadas nos Estados Unidos entre 1943 e 1953, cujo objetivo era desenvolver a cibernética e a inteligência artificial.

valores, julgamentos, cumpria agora imaginar um procedimento de pesquisa que dessa conta dessa nova formulação. Foi quando demos à luz o metáforo.

Mônica Rodrigues Nunes: No que mais a Nova Teoria se distingue das teorias anteriormente estabelecidas?

Ciro Marcondes Filho: Pois bem, a Nova Teoria é talvez uma das poucas teorias que se volta direta e exclusivamente ao que nós chamamos de “Acontecimento comunicacional”. Nenhuma outra orientação epistemológica fez isso. Rodeava-se a comunicação, mas não se centrava nela, exclusivamente nela enquanto *fenômeno*. A área de Comunicação praticamente começa com a Escola de Frankfurt, que, a bem da verdade, jamais foi uma escola de Comunicação. Poder-se-ia dizer que os primeiros estudos de Lasswell sobre a influência da imprensa e dos meios de massa na manipulação das opiniões durante a Primeira Guerra Mundial ou mesmo que os inflamados discursos de Karl Kraus, em Viena, tenham dado origem a um novo campo de conhecimento, o da influência política desses novos meios de massa para a transformação das sociedades. Mas ainda não temos uma teoria da Comunicação.

Pois bem, as faculdades de Comunicação operam ou com a Escola de Frankfurt,

ou com a semiótica, que, em sua natureza, tampouco é um estudo da Comunicação, mas de um sistema lógico apoiado em signos. Afora isso, temos McLuhan, ou a Escola de Toronto, que inova na área através da proposição do pensamento em mosaico, dos meios de comunicação como extensões do homem e de frases de efeito como “o meio é a mensagem”. Em todos esses casos, temos estudos ditos “de Comunicação”, que, em verdade, são estudos de outra natureza. Por exemplo, a Escola de Frankfurt, que dificilmente deveria ser chamada de escola, diante da heterogeneidade de seus membros, foi filosófico-epistemológica com Max Horkheimer, crítica cultural e reabilitação das capacidades dos oprimidos com Walter Benjamin, crítica estética e sociológica com Adorno. McLuhan era um crítico cultural que via na cultura tipográfica a restrição das potencialidades criativas da mente humana. Tampouco franceses como Baudrillard, Deleuze, Lyotard ou Derrida ocuparam-se da Comunicação. Ou seja, para se estudar a Comunicação nas décadas de 1960, 1970 ou 1980, era preciso recorrer a outras áreas do conhecimento, saberes paralelos, pois não havia estudos eminentemente comunicacionais.

Em uma palavra, voltados ao acontecimento comunicacional propriamente dito havia indícios no construtivismo radical do

grupo de Heinz von Foerster, em Illinois, na época da Segunda Guerra Mundial, e após, em Gregory Bateson e sua insistência com o tema da comunicação entre humanos, animais e na investigação psiquiátrica, na Teoria do Diálogo de Martin Buber, em Bataille, em Levinas, mas nenhum deles propôs uma estruturação teórica e metodológica do próprio processo comunicacional enquanto ontologia e epistemologia. As propostas eram interessantes e sugestivas, mas extremamente diluídas em obras gerais, que exigiam um forte peneiramento para se chegar ao fenômeno comunicacional.

Nossa proposta foi exatamente a de agregar todas essas protoiniciativas e montar a partir delas e de nossas próprias investigações essa proposta de uma Nova Teoria que, por fim, apresentasse ao mundo acadêmico um modelo generalizável da comunicabilidade, que se diferenciasse da sinalização e da informação, e que contasse, ao mesmo tempo, com um procedimento de pesquisa que não traísse essas bases constitutivas do conceito.

Mônica Rodrigues Nunes: Este novo olhar sobre a Comunicação e suas pesquisas propõe um novo método de análise? De que modo?

Ciro Marcondes Filho: Em princípio, não se trata de um método de análise. Nós repudiamos ao mesmo tempo os dois termos. Não é “método” porque, de acordo com a pesquisa clássica, o método distancia sujeito de objeto, supondo que o “sujeito”, dotado de instrumental científico e de iterações de suas observações, possa chegar a uma “verdade” em suas pesquisas e, a partir daí, negar outras interpretações eventualmente conflitantes. Esse era o formato clássico e

convencional da pesquisa, uma briga pelo monopólio da verdade, cuja legitimação estaria em procedimentos de repetição ancorados na visão positivista da ciência. As discussões desenvolvidas por Karl Popper contra o positivismo, advogando a falsabilidade da ciência e defendendo que a metafísica é a mãe das demais ciências, começaram a pregar, no ambiente da teoria do conhecimento, que o âmbito do verdadeiro não se limitava ao verificável. Depois dele, Thomas Kuhn reforça essas posições, criticando a ciência clássica por ser cumulativa e não considerar a novidade. Na verdade, dizia ele, são as anomalias que põem em dúvida o saber e provocam sua crise. Por fim, Paul Feyerabend, em *Contra o método*, será ainda mais radical, exigindo que o conhecimento se abra para todos os tipos de saberes, e não apenas os oficialmente reconhecidos pela Academia.

No ambiente teórico-científico havia sido introduzida, inicialmente a partir da Física subatômica, a importância do observador, o fato de ele interferir nos resultados da pesquisa pelo simples fato de realizá-la. Isso derrubou a hipótese de neutralidade e de se poder chegar à “verdade”, substituindo-a, por “um modo de ver a verdade”. A atividade acadêmica e seus órgãos de fomento, presos ainda a uma formulação clássica de ciência, cobram permanentemente do pesquisador a exposição de seu “método” de investigação, quer dizer, além da definição de um problema e das hipóteses a serem testadas, considerando variáveis, ela quer saber quais seriam os procedimentos que deveriam ser rigorosamente seguidos para se chegar a um resultado final. Ora, de certa forma, exigiam já um produto terminal do que ainda nem começava a ser estudado. Naturalmente,

A atividade acadêmica e seus órgãos de fomento, presos ainda a uma formulação clássica de ciência, cobram permanentemente do pesquisador a exposição de seu “método” de investigação, quer dizer, além da definição de um problema e das hipóteses a serem testadas, considerando variáveis, ela quer saber quais seriam os procedimentos que deveriam ser rigorosamente seguidos para se chegar a um resultado final.

isso, espécie de camisa de força, impedia que o pesquisador pudesse extrapolar seu próprio campo de visão, colocava-o sobre trilhos e impunha à atividade acadêmica uma inflexibilidade insuperável.

Na nossa opinião, isso detona com qualquer criatividade e, pior ainda, com a descoberta do novo na ciência, que, em muitos casos, nasce da intuição do cientista em situações absolutamente fora do passo a passo da pesquisa tradicional.

Nosso procedimento não é tampouco de “análise”, palavra comprometida com o procedimento cartesiano de dividir a realidade em tantas partes quanto possível e estudá-las separadamente. Não, em Comunicação não se pode fazer esse retalhamento sob pena de se perder a força estruturante do objeto, que não está nas partes, mas no todo. E, para isso, a investigação, que renega o método, deve partir para uma busca de algo que não se conhece, mas que se vivencia na pele, como uma imersão em que o próprio pesquisador relata como sentiu o impacto daquilo tudo sobre ele. “Sentir”, chamo a atenção, mais do que “pensar”, visto que para a Nova Teoria, os afetos vêm antes da intelecção.

Mônica Rodrigues Nunes: Como a Nova Teoria pode ajudar a entender os fenômenos comunicacionais atuais?

Ciro Marcondes Filho: Talvez a Nova Teoria, mais do que as teorias anteriores, tenha boas condições de trabalhar com os fenômenos comunicacionais atuais porque tem, como propósito, transformar-se de acordo com as próprias mudanças de seu objeto: as novas tecnologias, o comportamento dos humanos diante dos robôs, a inteligência artificial, mas também os temas que consideram a subjetividade, a reverberação dos produtos da comunicação nele mesmo e o que isso provoca.

Mônica Rodrigues Nunes: Em que o senhor está trabalhando agora?

Ciro Marcondes Filho: No momento estou estudando o fenômeno de a comunicação atuar sobre a mente do indivíduo. Não se trata de uma orientação em ciências cognitivas, já que meu interesse não é o de estudos de natureza fisiológica, mas filosófica, ou seja, que transformações em ideias, comportamentos, valores ocorrem com a interferência de objetos comunicacionais e relações pessoais. Sabe-se que produtos

vinculados ao ficcional e ao estético têm mais capacidade de mexer com posições estabelecidas do que outros, associados à racionalidade, como o jornalismo. Esse é o nó da Comunicação. Mas a questão vai mais longe: qual é nossa relação com essas obras estéticas que faz com que elas interfiram em nosso ser, de forma a nos transformar, e aí não há comparação com as iniciativas mercadológicas, publicitárias ou de política instantânea, que comandam ações automáticas, que impõem estereótipos mentais, mas não mudanças conscientes e racionais. Há todo um campo a ser explorado por aí que inclui a teoria da percepção, o inconsciente, as estruturas de constituição dos posicionamentos e a instabilidade psíquica das pessoas.

Meus mais recentes cursos de pós-graduação trabalharam com aquilo que um chamo de “Comunicação do sensível”, que opera exatamente com esse núcleo temático, sugerindo que a comunicação se efetiva, na verdade, não com esses procedimentos

barulhentos, ostensivos, vibrantes de interpeleção do outro, mas através de pequenos atos do cotidiano que acabam, afinal de contas, interferindo mais na formação de posicionamentos da pessoas do que os fortes apelos.

O projeto atual dedica-se a investigar como se dá o sensível na comunicação, por que estranhos caminhos ele passa e que misteriosas agências ele potencializa nos sensibilizando. Busca-se a aproximação daquilo que outros chamam de insondável, imperscrutável, impalpável, intangível, furtivo, ou seja, das coisas sutis que, mesmo assim, têm a capacidade de mexer conosco, de nos transformar, às vezes profunda e definitivamente, ao mesmo tempo que se busca oferecer um instrumental de estudo para quem quiser se aprofundar no obscuro e estranho caminho das coisas discretas, pequenas, voláteis, etéreas, diáfanas, vaporosas, vestígios, em suma, de fenômenos outros, aparentemente inalcançáveis mas capturáveis pelos seus efeitos.

Data de recebimento: 12/12/2018

Data de Aceite: 20/12/2018

Dados dos autores:

Ciro Marcondes Filho

<http://lattes.cnpq.br/7984648859899240>

Pesquisador de conceito 1A do CNPq, **Ciro Marcondes Filho** é o criador da Nova Teoria da Comunicação, que dá bases para a constituição do campo da Comunicação nas ciências humanas a partir do amadurecimento e da operacionalização do conceito de comunicação, assim como de um modo específico de sua investigação, o metáporo. Bacharel em Ciências Sociais e Jornalismo (USP/SP), doutor pela Universidade de Frankfurt, pós-doutor pela Universidade de Grenoble (França), é professor titular da ECA-USP desde 1987.

Mônica de Fátima Rodrigues Nunes Vieira

<http://lattes.cnpq.br/3752804029495246>

Jornalista formada pelo Centro Universitário do Triângulo. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Realizou estágio de doutorado na Universidad Complutense de Madrid. É professora da Universidade de São Paulo na Escola de Comunicações e Artes.